

Porque é que mesmo uma guerra comercial não irá fazer descarrilar Made in China: 2025

Pepe Escobar

Pensado no sentido de acalmar receios de uma guerra comercial de mau agouro EUA-China, o discurso do Presidente Xi Jinping no Fórum de Boao, abarrotado de metáforas chinesas, foi a extensão lógica da sua histórica intervenção em Davos no início do ano passado – quando colocou a China na vanguarda da globalização 2.0.

No Fórum de Boao, Xi sublinhou “uma nova fase de abertura” da economia chinesa; arrasou a “mentalidade de guerra-fria e soma-zero”; e elogiou a longa marcha desenvolvimento económico da China – desde a integração na OMC ao mais avançado projecto de conectividade/comércio da Eurásia do séc. XXI, a Iniciativa Cintura e Estrada (Belt and Road Initiative-BRI).

No futuro próximo, a economia chinesa teria de seguir um de dois vectores principais: Pequim poderia escolher abrir a sua economia sobretudo às multinacionais EUA; uma estratégia privilegiando o Ocidente. Esse seria o Plano B da China. Ou, grosso modo no decurso dos próximos sete anos, Pequim poderá encenar ainda mais uma ruptura, consolidando-se como uma Meca da alta tecnologia. É esse o Plano A da China.

Acontece que o Plano A se integra totalmente na dinâmica da conectividade BRI – da China Oriental à Europa Ocidental via Ásia Central, Sudoeste Asiático e eventualmente o Cáucaso. A China, através do BRI, aponta a exportar não apenas capital e especialização nos negócios mas também produtos de alta tecnologia com valor acrescentado.

E isso coloca-nos perante o confronto entre duas linhas de estratégia – que deveriam ser cuidadosamente lidas – que estão no centro de uma muito debatida, possível, e certamente perversa guerra comercial; China 2030 e Made in China: 2025.

2030 ou 2025?

[China 2030](#) foi publicada, significativamente ainda em 2013, pelo Banco Mundial em conjunto com o Ministério das Finanças e o Conselho de Estado chineses. É ainda um produto da era Hu Jintao, apelando a todas “reformas de mercado” requeridas,” com ênfase na “necessidade” de a estratégia chinesa ser orientada por alguns princípios chave: mercados abertos, justiça e equidade, cooperação mutuamente benéfica, inclusividade global e desenvolvimento sustentável.”

Xi Jinping tinha, contudo, ideias mais alargadas. Ampliando um conceito inicialmente adiantado pelo Ministério do Comércio chinês, primeiramente designados One Belt, One Road –OBOR- (uma cintura, uma via), revelou-as também em 2013 em Astana e Jacarta. Demorou algum tempo até que a informação se desse conta de que OBOR era nada menos do que um projecto geral de uma integração pan-Eurasiana.

Depois, em 2015, Pequim revelou aquela que é de facto a estratégia económica nacional; [Made in China: 2025](#).

Toda ela é – de novo – sobre a China a carregar no acelerador, desta vez para reduzir a dependência da tecnologia estrangeira e o papel de linha de montagem para empresas estrangeiras, aumentando o investimento em investigação e desenvolvimento; melhorando a automatização nas fábricas chinesas; e desenvolvendo sectores estratégicos tais como a robótica.

Existe já um objectivo para 2020: atingir que a produção integre 70% de componentes fabricados na China. A forma como o sucesso da Huawei eriçou tantos cabelos nos EUA – a terra da Apple – é apenas uma pequena ilustração do que está para vir.

Made in China 2025 é contudo muito mais ambicioso, apontando a impulsionar o «*Império do Meio*» para um lugar entre os três líderes da indústria de alta tecnologia global antes de 2049 - ano do centenário da República Popular. É desse modo que a China planeia ultrapassar a ratoeira do rendimento médio.

Portanto Pequim delineou o seu próprio plano de acção no sentido de se tornar um “superpoder manufactureiro” da mais avançada alta tecnologia, exportando “Made in China” comboios de alta velocidade, aviões, veículos eléctricos, robótica, tecnologias AI e os padrões 5G que irão alimentar a *Internet of Things*.

Certamente que modelos económicos anteriores incluem a Coreia do Sul – cujo processo de modernização gradual *chaebol*¹ foi orientado pelo Estado. E será também retirada inspiração crucial de [Indústria 4.0](#), a iniciativa estratégia nacional alemã lançada em 2011 tendo como objectivo consolidar a liderança tecnológica do país em engenharia mecânica.

A Europa observa

O facto de Pequim não aceitar um papel subserviente num ambiente económico de alta tecnologia dominado pelos EUA, gerido por uma minúscula elite empresarial enuncia algo que para essa elite é inimaginável: uma viragem definitiva da economia mundial em 2025, de Ocidente para Oriente.

Pequim não recuará. Todo o processo diverge do unilateralismo e no sentido de um mundo multipolar – em que a parceria com a Rússia desempenha um papel chave, na medida em que coordenam os seus esforços desde o yuan e o rublo apoiados em ouro a uma alternativa ao mecanismo de pagamentos SWIFT, culminando com o mais ambicioso projecto de toda a história em termos de conectividade económica através de mais de 60 países e culturas; o BRI – que está em vias de se integrar com a União Económica Eurásiana (EEU) – constitui, essencialmente, uma política industrial concertada orientada pelo Estado.

Tal com era sublinhado neste [editorial](#) do Global Times, uma guerra comercial EUA-China não resolverá nada, e muito menos o embate entre China 2030 e Made in China: 2025. Os industriais dos EUA estão numa posição muito delicada – uma vez que investiram massivamente na China; transferiram tecnologia para a China; e até eles próprios utilizam tecnologia chinesa – as linhas de abastecimento são globais. Se viesse a ser erguida uma barreira de alta tecnologia entre empresas norte-americanas e chinesas, os europeus teriam muito gosto em assumir o lugar dos norte-americanos.

Entretanto, Pequim agirá como um apaziguador – por exemplo, pela abertura do seu sector financeiro ao investimento estrangeiro, incluindo a eliminação dos tectos para a propriedade estrangeira nos bancos.

O rodapé do formulário

Yi Gang, o recentemente nomeado governador do Banco Popular da China, prometeu no Fórum de Boao que Pequim irá autorizar investidores estrangeiros a tomarem uma quota máxima de 51% em firmas de corretagem, empresas de futuros e de gestão de fundos, e que em 2021 eliminará os tectos para quotas estrangeiras em todos estes sectores.

Com formidável diplomacia, Yi declarou, “Diria que com a abertura das indústrias financeiras e de serviços, os EUA teriam no futuro mais vantagem comparativa no comércio de serviços. De modo que quando tivermos comércio de bens e comércio de serviços, em resultado disso estes dois equilibrar-se-ão”.

Existe sempre depois a difícil estrada para “resolver” o défice comercial dos EUA. Eis o que analistas Goldman Sachs – dirigidos pelo Economista Chefe Jan Hatzius – sugeriram numa nota de investigação: “Para um país deficitário como os EUA, é possível aumentar as restrições comerciais o suficiente para conseguir um objectivo ambicioso de redução do défice. Mas isto tem um pesado custo em termos de um crescimento mais fraco. Para colocar as coisas de forma simples, a única forma garantida de reduzir drasticamente o défice pela via da retaliação é a recessão.”

Guerra comercial ou recessão, uma coisa apenas é clara; a China fará o que for necessário para implementar Made in China: 2025 – o seu plano de acção para a preeminência na Alta-tecnologia.

¹Grande conglomerado industrial gerido por um só proprietário ou uma família

Fonte: <http://www.atimes.com/article/even-trade-war-wont-derail-made-china-2025/>